

---

## O capitalismo afetivo, os estereótipos de gênero e a violência nas primeiras experiências afetivas dos jovens <sup>1</sup>

Elisa Maria Curci Grec HUERTAS<sup>2</sup>  
Carla Montuori FERNANDES<sup>3</sup>  
Universidade Paulista, São Paulo, SP

### RESUMO

Analisaremos, aqui, como as relações no capitalismo e a mercantilização do afeto reforçam as desigualdades, os estereótipos dos relacionamentos afetivos e como essas relações impactam, aumentam e naturalizam a violência no namoro. No capitalismo afetivo as emoções são transformadas em *commodities* e exploradas comercialmente, criando expectativas irreais sobre as relações interpessoais e aumentando as pressões sobre os jovens para se encaixarem nesses padrões. Esses fatos contribuem para a violência de gênero, já que os jovens sentem a pressão de corresponder aos ideais emocionais e afetivos impostos pela cultura do consumo.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência de gênero, violência por parceiro íntimo, capitalismo afetivo.

### INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais os estereótipos de gênero são construídos de forma binária e complementar, mas de forma assimétrica em termos de poder e autonomia, resultando em desigualdade. As atividades atribuídas a homens e mulheres são associadas a esferas diferentes, como trabalho remunerado e cuidados, respectivamente (SCOTT, 1992).

Essas representações de gênero estão enraizadas na heteronormatividade contribuindo para a produção de desigualdades e violências contra o indivíduo que não corresponda a esse padrão. O sistema escolar desempenha um papel importante na reprodução dessas hierarquias, separando meninas e meninos em diferentes contextos e promovendo discriminações de gênero, raça e sexualidade, o que leva a formas de violência, como o *bullying*, que são reproduzidas tanto dentro como fora da escola e à violência nos relacionamentos afetivos e íntimos entre adolescentes, que também refletem essas desigualdades.

Bourdieu (2014) explica esse fenômeno a partir da concepção de violência simbólica. Para ele a dominação masculina é óbvia, não precisa de justificativa, a visão androcêntrica impõe-se de forma que não é questionada, não se faz necessário enunciá-la pois é legitimada. A máquina simbólica que legitima essa hierarquia está fundamentada na divisão social do trabalho, que atribui a cada um dos sexos papéis definidos e não questionados.

A violência simbólica institui-se nesse cenário porque o dominado concede permissão ao dominador para exercer esse papel, e a violência é aceita em decorrência da naturalização da dominação (BOURDIEU, 2014).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPGCOM da UNIP-SP, professora do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Fundação Santo André-SP, email: [elisa.huertas@fsa.br](mailto:elisa.huertas@fsa.br).

<sup>3</sup> Professora do PPGCOM da UNIP-SP, email: [carla.montuori@docente.unip.br](mailto:carla.montuori@docente.unip.br)

Essa compreensão pauta-se, historicamente, em classificações dicotômicas que estruturam as diferenças entre os sexos em um conjunto binário de oposições que organizam a cultura e operam esquemas de pensamento que se tornam universais e fundamentam a naturalização das desigualdades (BOURDIEU, 2014).

Historicamente, os estudos sobre violência de gênero e contra mulheres têm se concentrado nas relações conjugais entre adultos. No entanto, pesquisas recentes têm mostrado que certos grupos, como adolescentes, são particularmente vulneráveis à violência (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

A violência contra as adolescentes é um problema significativo e exige a formulação de políticas públicas específicas. Muitos casos de feminicídio estão relacionados a relacionamentos abusivos que envolvem violência psicológica, moral, sexual e patrimonial que muitas vezes começa nos estágios iniciais da relação, ainda no “ficar”.

No Brasil, a população jovem é numerosa, ocupando a 7ª posição global entre pessoas com idades entre 10 e 24 anos. No entanto, a violência, em particular os homicídios, é um problema grave enfrentado por esse grupo. As taxas de homicídio entre jovens são influenciadas por fatores como condições socioeconômicas, gênero e raça/etnia. Em 2012, cerca de 30 mil jovens de 15 a 29 anos foram assassinados no país, sendo a maioria negra (MARTINS, 2017).

Os homicídios de mulheres e homens têm características distintas. Enquanto os homens são mais vulneráveis a mortes violentas em espaços públicos, as mulheres são frequentemente assassinadas no ambiente doméstico. A maioria dos homicídios e estupros contra mulheres é perpetrada por familiares ou conhecidos. A violência doméstica também afeta meninas e adolescentes, com agressões sendo cometidas principalmente por pais e parceiros/ex-parceiros (MARTINS, 2017).

Durante a infância, a disparidade na concentração de mortes entre meninos e meninas sugere a existência de uma forma precoce de misoginia em nossa cultura. Isso não apenas explica as violências sofridas nessa faixa etária, mas também as violências vivenciadas posteriormente em relacionamentos afetivos e íntimos com parceiros. Estudos demonstram que ter experienciado relações violentas no âmbito familiar e ter histórico de maus-tratos são fatores de maior risco para a violência conjugal (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

O objetivo é, portanto, analisar como as relações no capitalismo afetivo e a mercantilização do afeto reforçam as desigualdades, os estereótipos dos relacionamentos afetivos e como essas relações impactam, aumentam e naturalizam a violência no namoro. Para isso, utilizaremos os dados obtidos por pesquisas acerca da violência por parceiro íntimo em pesquisas, especialmente os achados de Minayo, Assis e Njaine (2011) e Huertas (2020). Os achados dessas pesquisas serão discutidos e analisados à luz do referencial teórico do capitalismo afetivo, em especial Illouz (2011).

### **Resultados e discussão**

Embora tenham ocorrido avanços significativos na produção de conhecimentos e práticas de combate à violência contra mulheres, incluindo os jovens, ainda há poucos estudos específicos sobre a violência no namoro e nas relações casuais. No entanto, esse tema é essencial devido à prevalência de casos de violência entre jovens e à vulnerabilidade particular das meninas e adolescentes, indicando uma dimensão de gênero no fenômeno. A violência no namoro e em outras formas de relação íntima entre jovens é caracterizada como qualquer comportamento que prejudique o desenvolvimento, saúde e integridade física, psicológica ou sexual do parceiro. Ela ocorre em relacionamentos heterossexuais

ou homossexuais, mas está enraizada em relações tradicionais de gênero (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

Essa forma de violência pode se manifestar por meio de agressões físicas, como chutes, puxões de cabelo, beliscões, empurrões e tapas, além de agressões sexuais, como coerção, chantagem e práticas não consensuais. Muitos desses comportamentos ocorrem online, onde as meninas estão especialmente vulneráveis, como no caso da "pornografia de vingança", em que fotos íntimas são divulgadas sem consentimento, geralmente como retaliação após o fim do relacionamento. Esses comportamentos devem ser considerados como parte de um ciclo de violência, que tende a se repetir ao longo das trajetórias afetivas das pessoas, especialmente das meninas e mulheres, se não forem interrompidos (HUERTAS, 2020).

Existe uma cultura de violência nas relações de namoro que pode ser compreendida como um reflexo da violência doméstica vivenciada. O ciúme e a posse são elementos presentes nas representações sociais dos jovens e estão enraizados nas relações de gênero, marcadas por processos violentos de poder e subordinação (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

Além disso, a violência no namoro pode ser entendida a partir dos padrões de socialização juvenil, que ocorrem por meio da inserção em grupos de outros jovens. Esses grupos oferecem experiências que respondem às inseguranças, dúvidas e lacunas identitárias dos adolescentes. Nesse processo, ocorre a produção e reprodução de desigualdades de gênero, raça e sexualidade, exigindo abordagens interseccionais para analisar o fenômeno (MARTINS, 2017).

A compreensão das dinâmicas do afeto e dos conflitos na adolescência passa pelo entendimento dos sentidos sociais do amor e da sexualidade praticados em determinados contextos históricos. Ao longo do século XX, diversas transformações, como o desenvolvimento da comunicação, o feminismo, o surgimento da pílula anticoncepcional e a disseminação do HIV, impactaram significativamente as experiências da sexualidade fenômeno (MARTINS, 2017).

O conceito de "amor confluyente" e a ideia de reciprocidade nas relações amorosas questionam a noção de amor romântico e inatingível produzida no século XVII. Atualmente, o amor está associado à felicidade e ao prazer, o que pode levar a uma inflação dos relacionamentos. Nesse contexto, o termo "ficar" é utilizado para descrever padrões comportamentais marcados por dinamismo e gratificação, e suas características parecem se encaixar com a vivência da juventude, uma fase em que a sexualidade está em destaque e os papéis sexuais estão sendo definidos (MARTINS, 2017).

A vida amorosa e sexual dos adolescentes está inserida em um contexto de busca de identidade e autonomia, e a escolha dos parceiros amorosos é vista como uma forma de aprendizado da sexualidade, que vai além da genitalidade. No entanto, o amor não é necessariamente um critério fundamental nos relacionamentos fluidos dos jovens, e fatores sociais, culturais, políticos e econômicos têm maior relevância. Essa dinâmica é considerada uma espécie de "jogo sociocultural" que envolve a aprendizagem amorosa (MARTINS, 2017).

A linguagem utilizada pelos jovens nesse contexto também é abordada, destacando que as palavras utilizadas podem denominar o mesmo ato, porém com diferentes sentidos e narrativas. Enquanto os meninos usam verbos com sentido ativo e dinâmico, como "pegar", as meninas utilizam palavras associadas à noção de passividade, como "ficar". Essas diferenças de linguagem refletem a presença das relações de gênero, em que "ficar" e "namorar" são expressões atribuídas à iniciação relacional/afetiva/sexual das meninas, enquanto os meninos mencionam o "pegar" como a primeira etapa.

A pesquisa coordenada por Minayo (2011) indica que as expectativas e interpretações em relação às relações afetivas são distintas entre meninos e meninas. As meninas relatam ter vivido mais experiências de compromisso, como noivado, casamento, namoro ou "ficar" com compromisso, em comparação aos meninos. Além disso, o número de meninas que nunca se apaixonou é inferior ao dos meninos, e seus discursos estão mais vinculados a noções de romance, enquanto os meninos destacam o desempenho sexual (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

### **Capitalismo afetivo**

O conceito de "capitalismo afetivo" foi desenvolvido pela socióloga Eva Illouz para descrever uma forma de organização social e econômica em que as emoções desempenham um papel central na economia e nas relações sociais. Ela argumenta que, no contexto do capitalismo contemporâneo, as emoções tornaram-se recursos econômicos valiosos que podem ser explorados e comercializados.

Tradicionalmente, a análise do capitalismo concentrou-se principalmente em fatores econômicos, como produção, distribuição e acumulação de riqueza, no entanto, as emoções também têm um valor econômico significativo e são inseparáveis das relações sociais e da economia, e o capitalismo afetivo busca extrair valor dessas emoções (ILLOUZ, 2011).

No capitalismo afetivo, as emoções são transformadas em *commodities*. Elas são moldadas, comercializadas e consumidas em diversas esferas da vida, incluindo o trabalho, a mídia, a publicidade, a política e as relações interpessoais. As empresas e instituições exploram as emoções humanas para promover produtos, serviços e experiências com o objetivo de criar uma conexão emocional entre os consumidores e as marcas, visando à fidelização e à maximização dos lucros.

Para Illouz (2011), o capitalismo afetivo gera uma intensificação das demandas emocionais impostas aos indivíduos, incentivados a buscar a felicidade, o amor, a satisfação emocional e a realização pessoal por meio do consumo e essa busca incessante pode levar à insatisfação, à ansiedade e à sensação de inadequação, já que as emoções são constantemente mediadas pelas lógicas do mercado.

Além disso, o capitalismo afetivo influencia a forma como as emoções são compreendidas e vivenciadas, ficando sujeitas a uma "individualização" e uma "psicologização" crescentes. Isso significa que as emoções são vistas como responsabilidade individual e como algo que deve ser gerenciado e aprimorado por meio de terapias, autoajuda e consumo de produtos emocionalmente gratificantes, tornando a experiência emocional altamente individualizada e internalizada, afastando-se de dimensões sociais e políticas mais amplas e incentivando o consumo (ILLOUZ, 2011).

O conceito de capitalismo afetivo destaca a importância das emoções na economia e nas relações sociais do capitalismo contemporâneo, uma vez que as emoções se tornaram um recurso econômico valioso, sendo comercializadas, exploradas e moldadas para atender às demandas do mercado, implicando significativamente na forma como vivenciamos e entendemos nossas emoções, assim como nas dinâmicas sociais e nas relações interpessoais (ILLOUZ, 2011).

### **Mercantilização do afeto e a violência na juventude**

No capitalismo afetivo, em que as emoções e relações afetivas são transformadas em produtos comercializáveis, ou mercantilizadas, criam-se expectativas irreais sobre como as relações interpessoais devem ser, gerando pressões sobre os jovens para se encaixarem nesses padrões, contribuindo para a violência de gênero, já que os jovens sentem-se

compelidos a se comportar de maneiras específicas para corresponderem a esses ideais emocionais e afetivos.

O capitalismo afetivo está, ainda, intrinsecamente ligado à cultura do consumo, na qual objetos, incluindo corpos, são transformados em mercadorias. Essa cultura pode promover a objetificação das pessoas, especialmente das mulheres, o que pode aumentar o risco de violência de gênero na juventude. A objetificação reduz as pessoas a meros objetos de desejo e pode levar a atitudes e comportamentos violentos.

Os ideais de masculinidade promovidos na sociedade também são influenciados quando os afetos são mercantilizados, assim, a busca por poder, sucesso, status e controle emocional pode estar vinculada a atitudes e comportamentos violentos. Jovens homens podem sentir pressão para demonstrar essas características, levando a comportamentos agressivos em relacionamentos.

Ele também pode moldar a socialização e a educação emocional dos jovens. A ênfase no sucesso individual, na competição e na autorrealização pode impactar a maneira como os jovens aprendem a lidar com as emoções e se relacionam com os outros. Uma falta de habilidades emocionais e dificuldades na expressão saudável das emoções podem contribuir para conflitos e violência de gênero.

No contexto do capitalismo afetivo, a cultura do consumo e a objetificação podem desempenhar um papel na influência da violência nos relacionamentos.

### **Considerações finais**

A complexidade das interações entre gênero, violência e capitalismo afetivo influencia as relações afetivas dos jovens e contribui para a perpetuação de desigualdades e violências de gênero. A mercantilização das emoções e relações, como apontado por Illouz (2011), cria expectativas irreais e pressões sobre os jovens para que se conformem a padrões específicos, o que pode exacerbar comportamentos violentos e agressivos, especialmente em contextos de namoro e relacionamentos casuais.

As representações de gênero, fortemente enraizadas na heteronormatividade e na divisão social do trabalho, continuam a influenciar negativamente a vida afetiva e sexual dos jovens e a socialização juvenil, que ocorre em meio a grupos de pares, reforça desigualdades de gênero, raça e sexualidade e também contribuem para a violência no namoro, caracterizada por agressões físicas, psicológicas e sexuais, refletindo, assim as desigualdades de gênero e os padrões de poder e subordinação que ainda prevalecem na sociedade. Além disso, existem as estruturas simbólicas que legitimam a dominação masculina e perpetuam a violência de gênero.

O capitalismo afetivo e a mercantilização do afeto, por sua vez, que vêm as emoções como produtos comercializáveis, acrescentam mais uma camada à naturalização dessa violência, já que os jovens estão mais suscetíveis e sentem mais necessidade de pertencerem.

Assim, o combate à violência de gênero na juventude passa pelo enfrentamento dos estereótipos de gênero, mas também pelo enfrentamento ao capitalismo afetivo e à mercantilização do afeto.

### **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. São Paulo: BestBolso, 2014.

HUERTAS, E. M. C. G. Cartas contra a violência: Concepção de jogo de tabuleiro para enfrentamento da violência por parceiro íntimo a partir de uma perspectiva participativa e crítico-

---

emancipatória. Dissertação (Mestrado profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público). Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, p. 211, 2020.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MARTINS, A. P. A. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. **Gênero**, v.17, n.2, p. 9-28, 2017. Niterói.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.) **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n.2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.